

PERMANÊNCIA DA CULTURA DE CANTAR VERSOS NA MEMÓRIA DE UM GRUPO DE TRABALHADORES DO POVOADO MONTE ALEGRE EM RIO REAL/BA NA CONTEMPORANEIDADE

Eliane Bispo de Almeida Souza¹
Orientadora: Dra. Edil Silva Costa²

Resumo: Pretendo discutir sobre a arte de cantar versos que amenizava a dura jornada de trabalho braçal desempenhada pelos agricultores do Povoado Monte Alegre em Rio Real/BA. Ao investigar a função social das cantigas, ressalto a produção poética em dois momentos específicos: como uma forma de diversão, em reuniões noturnas, e como cantos de trabalho, durante o cooperativismo entre eles. Nas entrevistas, são registrados não só os versos das cantigas que sobrevivem na memória dos idosos, mas têm especial atenção os depoimentos sobre a produção das cantigas e a memória de uma performance que subsiste. Desse modo, busco interpretar as interpretações das lembranças dessa cantoria, presentes nas memórias dos antigos moradores de Monte Alegre. Para análise dos materiais de pesquisa, respaldo-me em estudos das poéticas orais e da crítica cultural, a exemplo de Paul Zumthor, Jerusa Ferreira Pires, Nestor Garcia Canclini, Stuart Hall, Fausto Colombo, Edil Silva Costa, Antônio Cândido, dentre outros.

Palavras-Chave: Cantigas. Cooperativismo. Memória. Monte Alegre. Poéticas orais.

INTRODUÇÃO

Com esta pesquisa, busco investigar as reminiscências da arte de cantar versos que acontecia no Povoado Monte Alegre em Rio Real/BA. Até o momento não há registros da continuidade dessa tradição. Ela permanece na memória dos moradores mais velhos do povoado, os quais relembram os momentos da juventude que eram animados por versos ritmados, em forma de quadras. Por volta da década de 50, eles cantavam enquanto trabalhavam na agricultura e quando se reuniam como forma de diversão.

As letras das canções lembradas pelos agricultores entrevistados durante a pesquisa refletem marcas da cultura em que os versos eram proferidos. Assim, pretendo, ao analisar os textos de cultura (cantigas e narrativas), compreender o sentido que tinha essa atividade cultural para a comunidade no período em que esses versos eram cantados e investigar porque alguns versos ainda são guardados na memória dos colaboradores da pesquisa.

Ao pesquisar sobre as canções que marcaram a cultura de cantar versos no povoado em estudo, percebi que, além de analisar as letras dessas canções para compreender o sentido dessa manifestação cultural, eu precisava também ouvir o discurso dos narradores sobre a atividade cultural que eles desempenhavam na juventude. Assim, utilizo-me da história oral como metodologia

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: elianebasouza@hotmail.com.

² Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

para gravar, por meio de áudio e vídeo, entrevistas com os moradores mais velhos da comunidade Monte Alegre sobre as reminiscências da arte de cantar versos. Então, por meio de uma entrevista semiestruturada, passei a conversar com eles, a ouvi-los e aguçá-los a lembrar como era que acontecia a cantoria. Segundo a pesquisadora Maria Ignez Novais Ayala (2013):

Quando se privilegia a fala dos cantadores e dançadores e sua atuação nas brincadeiras, o que se exige cuidadosa observação, vão surgindo peças de um grande quebra-cabeça, que revelam, entre fios da memória, que essas práticas culturais se vinculam intimamente com suas vidas, com a história de seus versos, de seus cantos, de seus passos (AYALA, 2013, p. 126).

As narrativas que coletei serviram-me como fonte de informações sobre uma manifestação cultural que marcou o passado de alguns sujeitos da comunidade. Essas narrativas ajudaram-me a compreender o sentido das canções e o contexto em que elas eram proferidas. Marcas da cultura local são expressas nos relatos e nas canções coletadas.

As cantigas eram cantadas com as pessoas em movimento, seja no ritmo do trabalho, quando eram cantadas durante o dia, seja como uma brincadeira à noite, em que davam-se as mãos e rodavam em forma de ciranda ou abraçados trocando os pares, conforme o ritmo da música.

A pesquisa sobre a permanência da cultura de cantar versos na memória de um grupo de agricultores do povoado Monte Alegre ainda está em andamento. Por ora, busco discutir, com esse texto, um recorte da pesquisa que se refere ao uso das cantigas para suavizar a execução do trabalho braçal na agricultura, bem como as formas de cooperação que existiam na comunidade pesquisada.

A comunidade do Monte Alegre tem como economia a agricultura e a pecuária. No período da cantoria, as atividades desempenhadas pelos pequenos agricultores, durante o preparo do solo, plantio e colheita, eram realizadas de forma braçal. O refrão da canção que segue reflete sobre o trabalho que eles desempenhavam na roça ao tirar da terra o sustento da família:

Tava na roça trabalhano, ô minha nega
Quando meu amor passou
Ele passa me chamano, ô minha nega
Êta, vou ver o meu amor.

As estrelas do céu corre, ô minha nega
Corre tudo em carreirinha.
Assim corre o meu segredo, ô minha nega
Da tua boca pra minha.

Menina, minha menina, ô minha nega
Se eu pedir, você me dá
Um abraço e um beijinho, ô minha nega
E o seu colo pra eu deitar.

A cantiga acima, assim como as demais cantigas coletadas, é constituída por um refrão, que é cantado por todos, e por quadras, que são declamadas por cada um dos participantes. As quadras sempre retratam a temática amorosa, já o refrão discute, além do amor, assuntos diversos referentes à cultura local.

A cantoria se fazia presente no momento que estavam reunidos para desempenhar um trabalho que exigia ajuda mútua. Eles cantavam enquanto exerciam seus afazeres para suavizar a lida diária na agricultura. As letras dos versos retratam a temática amorosa. Ao falar de amor, eles se envolviam numa áurea de encantamento e, com isso, até esqueciam que o trabalho era pesado.

O desenvolvimento tecnológico na agricultura ainda não tinha chegado para eles no período da cantoria dos versos, conforme ficou subentendido nos relatos. Eles desempenhavam atividades agrícolas de forma manual, sem máquinas que pudessem facilitar o serviço. Na tentativa de ajudar uns aos outros na execução dessas tarefas, os moradores organizavam mutirão. O pesquisador Antônio Cândido (1971), ao discutir sobre o cooperativismo entre os caipiras por ele pesquisado, que resultou no livro *Parceiros do Rio Bonito*, afirmou que:

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança, suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural do caipira (CANDIDO, 1971, p. 68).

Como salientado por Cândido, esse momento de encontro torna-se um momento festivo. Embora estivessem desenvolvendo um trabalho pesado, eles expressavam alegria por meio dos versos cantados. O chamado para um mutirão era mesmo que um convite para participar de um momento em que poderiam reencontrar os amigos e prestar uma ajuda, além de compartilhar juntos dos alimentos servidos nesse dia, sem contar na cachaça que era servida. Sobre o mutirão, Cândido (1971) explicou que:

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçado, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimentos e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há uma remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram. Este chamado não falta, porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão-de-obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal (CANDIDO, 1971, p. 68).

Esses encontros em forma de mutirão aconteciam como uma solução encontrada pelos agricultores para executar uma atividade que exigia rapidez, a exemplo de taipa de uma casa, ranca de amendoim, bata de feijão ou milho e a feitura da farinha, por exemplos.

No povoado Monte Alegre havia duas formas de cooperação entre eles: o batalhão e as tardes. De acordo com os depoimentos coletados, o batalhão tinha características semelhantes ao mutirão descrito por Antônio Candido (1971) na obra citada anteriormente. Ele acontecia quando o dono do serviço convidava vizinhos, compadres e comadres para lhe ajudarem na execução de uma tarefa que exigia esforço coletivo. E, como forma de gratidão, o dono do serviço ofertava a seus convidados comida farta, desde o café da manhã, ao almoço e lanche, sem contar a cachaça que era a bebida servida. Para aqueles que gostavam, o aguardente lhes dava energia, revigorando suas forças e esquentando o corpo.

Esses encontros não tinham hora para acabar. Enquanto tivesse serviço, todos estavam dispostos a ajudar. Nessa reunião de pessoas, a cantoria se fazia presente. Eles cantavam, riam e se divertiam enquanto exerciam as atividades braçais.

Diferentemente do batalhão que reunia homens e mulheres, a forma de cooperação chamada *tarde* era constituída só por mulheres, as quais se reuniam depois do almoço para ajudarem umas as outras nos trabalhos da agricultura. Essa forma de ajuda apenas em meio turno foi uma maneira encontrada para a dona do serviço não precisar gastar recursos oferecendo almoço para as suas amigas. A forma de agradecimento era se comprometer em participar nas tardes das pessoas que lhes prestaram ajuda, até fechar o círculo. Sobre esse tipo de cooperativismo, Antônio Candido (1971) explicou que:

A troca de trabalho se dá quando um vizinho é requisitado para auxiliar o outro e fica seu devedor de uma parcela de tempo igual a que recebeu, podendo-a requerer quando julgar conveniente, pois o cômputo de semelhante serviço se faz rigorosamente, como se fosse dívida monetária (CANDIDO, 1971, p. 127).

Na comunidade Monte Alegre, as tardes eram muito mais que troca de serviço. O trabalho não acontecia com o mesmo rigor descrito acima. Conforme relato abaixo, as mulheres viam nesse encontro muito mais que um compromisso em retribuir uma ajuda prestada em um momento anterior, mas como uma forma de reencontro em que elas poderiam desenvolver suas atividades diárias na roça e se divertirem cantando enquanto trabalhavam.

A gente cantava... A gente cantava nas roça, trabalhano, fazeno batalhão. Era assim: uma ruma de pessoa ia pra roça de uma hoje, quando era na outra semana, tal dia é de fulana de tal. Aí ia todo mundo. Era assim que a gente trabalhava como uma associação. A gente vivia numa associação assim... Vai ter a tarde de fulana de tal... Todo mundo tomava as saideira, as bebida... A gente cantava quando limpava a terra de enxada. Era cada enxada batida! (risos) (Dona Zefinha³ de Biite, 69 anos).⁴

³ A colaboradora Dona Josefa é uma lavradora aposentada.

⁴ Para dar ênfase ao discurso dos colaboradores, utilizo o mesmo espaçamento e tamanho de letra.

Antônio Cândido sinalizou outra forma de mutirão no livro *Parceiros do Rio Bonito* muito semelhante com as tardes, em que o beneficiado não tinha condições de oferecer comida aos que estavam dispostos a prestar-lhe serviço. Essa forma particular de mutirão era denominada pelos caipiras de terno, que recebeu a seguinte explicação por Cândido (1971):

Era o caso de vizinhos, percebendo que um deles estava apurado de serviço, combinarem entre si ajudá-lo, sem aviso prévio. [...] a diferença estava não apenas na motivação do auxílio (espontâneo, não convocado), mas, também, no fato do beneficiado não dar festa, e muitas vezes a falta de recursos para promovê-lo é que o havia impedido de fazer a convocação (CANDIDO, 1971, p. 69).

Como descrito acima, os problemas financeiros eram gritantes a ponto de não terem condições de oferecer comida a quem lhe prestou ajuda. Para amenizar as dificuldades encontradas, era comum a comunidade se reunir em diferentes maneiras de cooperação para prestar ajuda a quem precisava. Mesmo não dispondo de condições favoráveis para ajudar com bens materiais, a força de trabalho era uma forma de colaboração para amenizar a situação precária vivenciada pelos membros do grupo. Antônio Cândido (1971) fez o seguinte comentário sobre a importância da solidariedade entre os membros de um grupo:

A existência de todo grupo social pressupõe a obtenção de um equilíbrio relativo entre as suas necessidades e os recursos do meio físico, requerendo, da parte do grupo, soluções mais ou menos adequadas e completas, das quais depende a eficácia e a própria natureza daquele equilíbrio (CANDIDO, 1971, p. 23).

Os moradores do Povoado Monte Alegre, diante dos problemas enfrentados por eles, encontravam alternativas para enfrentar as dificuldades reunindo-se no batalhão ou nas *tardes*. Esse tipo de solidariedade culminou por unir as pessoas, criando laços de amizade. Sobre esses laços de afetividade que surgem por meio de ações solidárias, Ayala (2013) argumentara que:

Esta solidariedade muito grande, fundida em vida comunitária com fortes laços de afetividade que se constrói no dia-a-dia difícil no mutirão cotidiano da vida em que “uma mão lava a outra”, é responsável pela força que supera as dificuldades e refaz o ânimo através da alegria dos momentos festivos em que se dança, em que se ri, em que se diverte para aguentar as novas dificuldades de sempre. É esta resposta alegre que mantém a vitalidade de boa parte dos brasileiros e dá o troco à dominação pela própria insistência em se manterem em pé rindo (AYALA, 2013, p. 129).

Nessas reuniões para se ajudarem, eles aproveitavam para expressar suas ideias por meio da cantoria. Os colaboradores lembram que sua juventude foi marcada por muito trabalho pesado, mas também por muitas canções que tornavam seus dias mais alegres. Esses encontros eram animados por canções no estilo das cantigas de roda. “É curioso o fato de, nas comunidades narrativas, os trabalhadores serem formigas-cigarras, pois cantam e narram causos e contos durante seus afazeres...” (COSTA, 2010, p. 121). Ao cantar durante a execução do trabalho, esses moradores

utilizam-se da oralidade para disseminar a cultura local. A animação proporcionada pelas cantigas ajudava a tornar o trabalho pesado menos cansativo, conforme depoimento de dona Ducarmo:

Na espalha de milho, os homi ia bater o milho e a gente ia brincar roda. Os terreiro era tudo limpo. Quando terminava de brincar roda ia... quando terminava de bater o milho, aí a gente ia tirar capuco, cantando (Dona Ducarmo⁵, 76 anos).

A cooperação entre eles era uma forma de haver o encontro. Vários saberes são trocados e disseminados quando as pessoas estão reunidas para um determinado fim. Na canção que segue, o refrão sinaliza que durante o dia, os moradores estavam ocupados com a lida diária do trabalho e só à noite é que eles tinham a oportunidade de se divertirem:

O café torrando lá
E o cheiro passando cá
De dia não tenho tempo
De noite passeio lá.

Eu joguei meu lenço pra cima
Ele ficou no espaço
Deus me livre que eu não faço
Travesseiro do seu braço.

Mandei uma carta pro céu
E lá veio o despacho
Os olhos como os teus
Procuro aqui e não acho.

Desse modo, pode-se afirmar que as cantigas de roda quando eram cantadas durante o dia suavizavam a execução do trabalho na agricultura. Já quando eram cantadas à noite, tinham a finalidade de propiciar um encontro entre os membros da comunidade e uma oportunidade para que os jovens se enamorassem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de cantar versos no Povoado Monte Alegre era uma forma de manifestação da cultura local em que os jovens, na época da cantoria, se divertiam enquanto trabalhavam na agricultura. Cada encontro era encarado por eles como um momento festivo em que teriam a oportunidade de reencontrar os amigos para juntos desempenharem um trabalho coletivo.

As dificuldades financeiras vivenciadas por eles acabaram unindo-os na busca de alternativas para superarem os problemas da vida cotidiana. E a cooperação foi uma das alternativas encontradas por eles para ajudarem-se uns aos outros.

⁵ Dona Maria do Carmo dos Santos é uma lavradora aposentada.

Ao expressarem seus saberes, valores e crenças por meio da letra dos versos, eles se divertiam e encantavam enquanto trabalhavam e cantavam. Além de disseminar a cultura local, as cantigas de roda aqui analisadas também representavam a união, a socialização, a ajuda mútua, sem contar que para eles era também uma brincadeira.

As mudanças culturais contribuíram para que a arte de cantar versos seja uma manifestação que permanece apenas na memória dos moradores mais velhos da comunidade pesquisada. As reminiscências dessa cantoria trazem lembrança de um tempo encantado pela melodia das canções.

REFERÊNCIAS:

AYALA, M. e AYALA, M.I. *Cultura popular no Brasil*. São Paulo, Ática, 1987.

AYALA, Maria Inez Novais. A cultura popular em uma perspectiva de análise. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Oralidade e literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina, 2013. p. 101- 133.

CÂNDIDO, Antônio. *Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas cidades, 1971.

COSTA, Edil Silva. Narrativa, testemunhos e modos de vida. In: Lima, Ari. *Estudos de Crítica Cultural*. Salvador: quarteto, 2010.

COSTA, Edil Silva. *Ensaio de Malandragem e Preguiça*. 1.ed. Curitiba: Appris, 2015.

